

FH: indexação está fora de cogitação

Presidente afirma que foi erro acertar meta com FMI porque inflação não chegará aos 16,8%

Gustavo Miranda

Dácio Malta, Helena Chagas,
Tereza Cruvinel e Jorge Bastos Moreno

BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso afirma que ninguém será a favor da volta da indexação, nem mesmo a Central Única dos Trabalhadores. Segundo ele, a CUT fixou em 10% o patamar de inflação para disparar o gatilho salarial que seus dirigentes querem criar porque sabe que a inflação não chegará a esse limite. Com base nos últimos números da economia, que diz terem sido melhores do que esperava, o presidente prevê que a inflação não chegará aos 10% e muito menos aos 16,8% previstos para este ano no acordo fechado na semana passada com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Com isso, mostra que a inclusão dessa meta foi um erro, porque pode acabar se tornando, ela mesma, inflacionária. Começando a se refazer do desgaste provocado pelos piores dias de seu governo, o presidente assegura não ter medo da indexação.

— Ninguém quer a indexação. Nem o povo, nem a CUT, que sabe que a inflação não chega a 10%. A indexação só existe na cabeça do Congresso e dos jornalistas — diz ele.

Indicadores econômicos aliviam presidente

Em conversa com O GLOBO em jantar no Palácio da Alvorada na noite de segunda-feira — um dos dias mais calmos dos últimos tempos, segundo comentou — Fernando Henrique manifestou alívio em relação a quatro indicadores. A inflação de fevereiro, segundo ele, foi menor do que o Governo esperava, já que não considera os 4,4% de aumento do índice de preços no atacado. O dólar começou a cair antes do que se previa. E o índice de 7,7% de desemprego poderia ser pior, afirmou, embora admitindo que ainda poderá aumentar. Além disso, saudava a entrada de R\$ 6 bilhões desde o início do ano, prevendo que poderão chegar a R\$ 16 bilhões até dezembro.

De tudo isso, o que mais preocupa, de acordo com o presidente, é a inflação.

— O povo não usa dólar, não está nem ligando para o preço do dólar.

Com ares de quem já vê luz no fim do túnel, anunciou que vai retomar as viagens com visitas a Alemanha, Portugal e, possivelmente, Inglaterra a partir de 15 de abril. O presidente confirma ter suspenso temporariamente a agenda internacional no auge da crise. Agora, porém, diz que tem três fatos importantes a favor da recuperação: o acordo com o FMI e a entrada de dinheiro; a conclusão do ajuste fiscal com a votação da CPMF; e o sucesso do *road show* (viagens para encontros com banqueiros e investidores) da equipe econômica na Europa e nos Estados Unidos.

— Não resolve nada viajar, ir lá sem ter o que dizer e fazer macaquices. Agora, a situação é outra. Vou dizer que o país voltou a ter rumo.

FH diz que FMI é mal necessário no momento

Fernando Henrique acha que o FMI é, neste momento, uma espécie de mal necessário. Apesar das críticas ao fundo, afirma que o acordo é fundamental.

— Todo mundo fala mal do FMI, mas ele é necessário. O FMI é o avalista do capitalismo financeiro internacional. O fundo empresta esse pouquinho para que os bancos entrem com o resto. Se o FMI não ajuda, ninguém ajuda.

Nem tudo, porém, tem sido flores no relacionamento recente com o FMI, pelo que deixa claro o presidente. Ele admite, por exemplo, que o fundo queria a desvalorização do real na negociação do primeiro acordo, em setembro, mas acabou derrotado. Depois, não gostou da ligeira queda de juros, também no ano passado. Por isso, no auge do ataque ao real, em janeiro, custou a dar socorro.

Ao se recordar dos dias da desvalorização, o presidente confirma que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, pediu demissão no dia da saída de Chico Lopes da presidência do Banco Central. Malan chegou a levar uma lista de dez nomes para que Fernando Henrique escolhesse os substitutos. Entre eles, além do ministro da Saúde, José Serra, estavam economistas como Afonso Pastore e André Lara Resende e o ex-ministro Marcílio Marques Moreira.

Pressão inflacionária deve cair em maio

Fernando Henrique em nada se parece com alguém que está saindo de um terremoto: anda bem-humorado e aparenta tranquilidade, apesar de a crise não estar ainda superada. Em seu cronograma, a pressão inflacionária só deve arrefecer depois de maio. A retomada do desenvolvimento, com a queda da taxa de juros, provavelmente a partir de agosto. Ele continua recusando a oposição entre desenvolvimento e estabilidade que alguns setores fazem.

— É um falso dilema e isso nunca foi tão claro: sem estabilidade, não há desenvolvimento.

Fernando Henrique negou ter evitado tomar decisões quanto ao câmbio no segundo semestre de 98 por causa da campanha. Disse que sua candidatura colaborou positivamente para o enfrentamento da crise.

— O fato de haver um candidato favorito representando a continuidade da política econômica ajudou muito. Se houvesse alguém da oposição na frente, a crise teria sido muito pior.

O presidente teve a companhia da mulher, dona Ruth, e do filho, Paulo Henrique, que acabava de chegar a Brasília. Toda a família estava descontraída no jantar.



FERNANDO HENRIQUE: "A volta da indexação da economia só existe na cabeça do Congresso e dos jornalistas"